

A LUTA ANTICOLONIAL E DE CLASSES NO PENSAMENTO DE VICENTE SALLES: o caso dos “militantes esquecidos” na Amazônia

THE ANTI-COLONIAL AND CLASS STRUGGLE IN THE THOUGHT OF VICENTE SALLES: the case of the “forgotten militants” in The Amazon.

Marlon Kauã Silva Cardoso¹

UFPA: <https://orcid.org/0000-0003-2019-5119>

DOI: [10.21680/1982-1662.2026v9n44ID41043](https://doi.org/10.21680/1982-1662.2026v9n44ID41043)

Resumo

Vicente Juarimbu Salles nasceu em Igarapé-Açu/Pará, em 1931, formou-se em Ciências Sociais em 1966, pela UFRJ, e faleceu em 2013. Foi historiador, antropólogo e folclorista, considerado um dos mais importantes intelectuais do século XX. Este ensaio busca ressaltar a luta de classes e a luta anticolonial em seu pensamento à luz de alguns de seus textos, destacando temas como a cabanagem, o negro e o marxismo, no contexto da província Maranhão e Grão-Pará, no século XIX. Minhas reflexões apontam que seu pensamento estava alinhado às questões descoloniais, ao colocar os sujeitos alijados e silenciados pelo processo colonial no centro de seus estudos.

Palavras-chave: Vicente Juarimbu Salles. Luta anticolonial. Luta de classes. Descolonialismo.

¹ E-mail: marlonka.mk@gmail.com

Abstract

Vicente Juarimbu Salles was born in Igarapé-Açu, Pará, in 1931, graduated in science in 1966 from the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ), and died in 2013. He was a historian, anthropologist, and folklorist, considered one of the most important intellectuals of the 20th century. This essay seeks to highlight the class struggle and the anti-colonial struggle in his thought in light of some of his texts, highlighting themes such as the Cabanagem (Brazilian settlement), Black people, and Marxism, in the context of the provinces of Maranhão and Grão-Pará in the 19th century. My reflections indicate that his thought was aligned with decolonial issues, placing the subjects marginalized and silenced by the colonial process at the center of his studies.

Keywords: Vicente Juarimbu Salles. Anticolonial struggle. Class struggle. Decolonialism.

Introdução

Este ensaio busca ressaltar a luta de classes e a luta anticolonial no pensamento de Vicente Salles. Para isso foram utilizados textos biográficos, para contar sua trajetória que vai de Igarapé-Açu, interior do Pará, passando por Castanhal, Belém, até chegar no Rio de Janeiro.

Em outro momento, procuramos pinçar em seus textos o caráter sociológico da luta anticolonial no estado do Maranhão e Grão-Pará, chamando a atenção para a cabanagem entendida como um processo dialético, envolvendo a luta anticolonial, a partir da atuação dos negros, indígenas e cabanos, e também reformista/traída, ao levar adiante os interesses da burguesia urbana e de seus intelectuais comprometidos com o *status quo*.

Vicente Salles, na interpretação deste artigo, reivindica uma outra alteridade, parafraseando Spivak (1994), em situação pós-colonial preocupada como uma história alternativa ao "socius" dominante, ao ressaltar o socius escrito em oralidades e documentos como críticas ao colonialismo vigentes no Grão-Pará.

Além disso, destinamos um espaço para o marxismo, o socialismo e os militantes excluídos, no pós-cabanagem. Trata-se de lembrar, por meio da obra de Vicente

Salles, as lutas, os jornais, os partidos e os operários responsáveis, ainda no estado do Grão-Pará, por provocarem, de modo indireto, o sistema colonial vigente. Procuramos, portanto, nesse breve ensaio, lembrar as contribuições de Vicente Salles para perspectiva anticolonial na Amazônia, ressaltando nele a sensibilidade com os excluídos e marginalizados pelo processo de colonização: indígenas, negros, cabanos, operários e escravizados.

Para esse artigo, pesquisamos em artigos e jornais, dados biográficos de Vicente Salles, além de interpretar quatro de suas obras - “O negro no Pará, sob regime de escravidão”; “Memorial da cabanagem: esboço do pensamento político-revolucionário no Grão-Pará”; “Marxismo, socialismo e os militantes excluídos”; e “O negro na formação da sociedade paraense” - à luz da teoria crítica latino-americana.

Vicente Salles, do menino de Igarapé-Açu/Pará à intérprete do colonialismo

Vicente Salles nasceu em 27 de novembro, de 1931, no município de Igarapé-Açu, mais precisamente no Caripi (interior do município paraense). À época existiam indígenas da etnia Tembé que iam ao rio Caripi em busca de apoio das autoridades da região, com ajuda do pai de Vicente Salles, Clóvis de Mello Salles (1898-1974), indianista, homem de enorme erudição, para trocar sua produção por mercadorias. Seu pai, cearense, era um homem da cidade que buscava sobreviver pelo comércio, através emprego público, do jornalismo e como rábula (Oliveto, 2009).

Seu pai o estimulou, desde cedo, a leitura de textos de autores clássicos da literatura como Júlio Verne, Miguel de Cervantes, Johann Goethe, Victor Hugo, Eça de Queirós, José de Alencar. Sua mãe, Maria Cristina Passos Salles, também cearense, por outro lado, o influenciou à música, através das modinhas cantadas por ela (Souza, 2013; 2014).

Em 1937, os pais do jovem Vicente mudaram-se para Castanhal, em busca de oportunidades de estudos e de emprego. Nesse período, Vicente Salles entra na igreja católica, como coroinha, e passa a ter contato com a música, se interessando pelo violino, que acaba abandonando posteriormente (Oliveto, 2009).

Em 1941, muda-se juntamente com a sua família para Belém. Seu primeiro emprego, ainda na adolescência, foi de office-boy em um escritório, no ano seguinte

de sua chegada à capital. Quando ficava sozinho, gostava de escrever, datilografar cartas, poesias, crônicas e artigos que enviava para os jornais. Aos quatorze anos já era um jornalista novato (chamado popularmente de "foca") da imprensa de Belém, mesmo ainda sendo estudante. Em 1948 publicou seus primeiros trabalhos no *jornal A província do Pará*, além de chegar a editar o *Jornal do Estudante* (Oliveto, 2009).

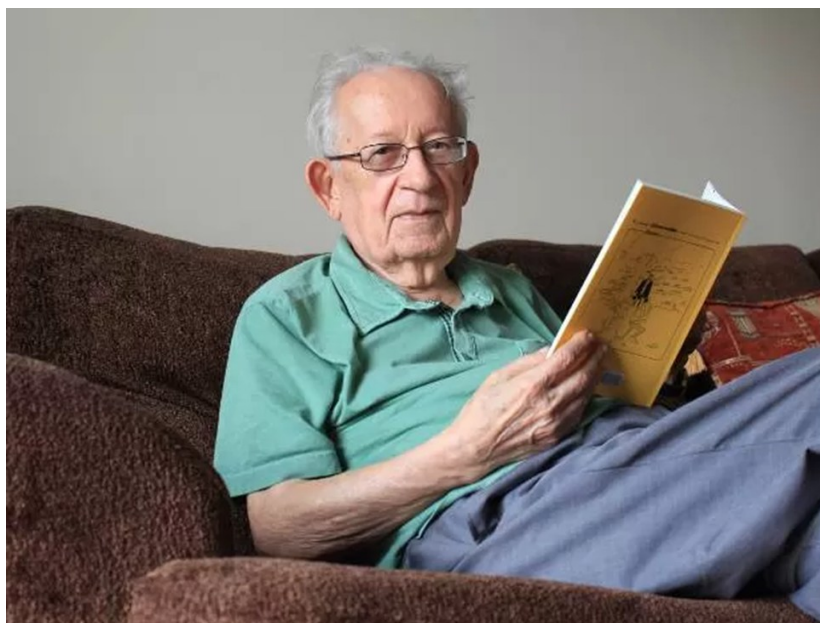
Ainda em Belém, na Rua Santarém, Vicente Salles foi influenciado, por um sapateiro chamado Dagoberto Lima, membro do Partido Comunista, pelo marxismo e pela temática da cultura e do negro, ao ter contato com o poeta Bruno de Menezes. Através desse poeta, conheceu o antropólogo Édison Carneiro, que lhe incentivou a estudar a questão do negro na sociedade paraense, além de sugerir a ele que fosse para o Rio de Janeiro terminar seus estudos, que o fez formando-se em Ciências Sociais, em 1966 (Oliveto, 2009).

A fase adulta de Vicente Salles é vivida no estado do Rio de Janeiro. Muda-se para lá em 24 de agosto, sob o impacto do suicídio de Getúlio Vargas, em 1954. Torna-se amigo da escritora Eneida de Moraes, que lhe abriu as portas da imprensa carioca. À época, já era concursado do governo federal e, no Rio, foi lotado como datilógrafo em um departamento do então Ministério da Educação e Cultura (MEC); essa condição permitiu-lhe, em 1961, ser transferido para a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (CDFB), organizada e dirigida por Édison Carneiro (Souza, 2013, 2014).

Vicente Salles é autor de mais de 25 livros voltados à história e à cultura da Amazônia, além de ter sido importante colaborador da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (CDFB), na década de 1960, e integrar a equipe de criação da Funarte, e 1975 (Souza, 2013, 2014).

As pesquisas de Vicente Salles incluem temas como o negro, a música erudita e popular, a política, o humor, o teatro, o artesanato, o folclore, o cordel e a música (Menezes Neto, 2013; Souza, 2013, p. 186-187).

Foto 1 - Vicente Salles



Fonte: Laís Teixeira/O liberal. 2013.

Vicente Salles faleceu no ano de 2013, nos deixando um acervo, doado à Universidade Federal do Pará, em 1993, que reúne aproximadamente 15.000 livros e periódicos; 70.000 recortes de crônicas cotidianas de jornais e revistas; 3000 partituras; 573 publicações da editora Guajarina; 1.311 (mil trezentos e onze) folhetos de cordel; filmes; fitas cassetes; cartões postais; fotografias, estampas e desenhos; além da rara obra *Revista Brasileira de Folclore*, editada pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, em parte, sob coordenação do Vicente Salles (Mafra, 2014).

Buscamos, neste trabalho, ressaltar as reflexões de Vicente Salles a respeito da cabanagem, revolta popular que combinou aspirações populares e pequeno burguesas, na província Maranhão e Grão-Pará, e sua luta anticolonial traída. Entendemos que Vicente Salles, ao colocar o negro e o marxismo como catalizadores da luta anticolonial, fez a opção pelo pensamento descolonial em suas obras, mesmo que não conhecesse esse termo.

A concepção descolonial confere aos povos humilhados, escravizados, cujos os corpos foram escravizados para serem força de trabalho, o conceito da reprodução da vida, que emerge dos afro escravizados e dos indígenas na formação de uma economia

capitalista, em oposição a reprodução da morte através da expansão imperial do ocidente e do crescimento da economia capitalista (Mignolo, 2008, p. 296-297). É nessa concepção que Vicente se encaixa, além da marxista.

Vicente Salles e a questão da cabanagem

O poder colonial ergueu-se sobre as forças de trabalho, a exploração do trabalho, a servidão, a escravidão, invertendo a relação de alteridade. O outro, era entendido apenas como trabalho, força de trabalho, destituído de pensamento, ao passo que o Europeu se colocava nessa alteridade como o racional (Castro, 2019b, p. 366).

Contra esse poder colonial, entre 1835 e 1840, de forma reformista ou revolucionária, aglutinaram-se no estado do Maranhão e Grão-Pará, negros, indígenas, pequenos burgueses e operários. O episódio ficou conhecido como a cabanagem². Os cabanos e suas lideranças se autodenominavam "patriotas", não como sinônimo de serem brasileiros, mas sim como sentimento de surgir no interior da Amazônia uma identidade comum, entre elites e cabanos, que se assentava no ódio ao mandonismo branco e português e na luta pela liberdade e direitos civis e políticos (Bricci, 2007, p. 6-7). Segundo alguns autores, não existiu apenas uma Cabanagem, mas sim "Cabanagens", isto é, uma série de conflitos que possuem raízes e desdobramentos históricos distintos, mas que toma fôlego na onda de confrontos armados no Grão-Pará da segunda metade de 1830 (Machado, 2016, p. 285).

Para Vicente Salles, no entanto, a Cabanagem possui um significado histórico bem delimitado. Para ele, a cabanagem foi um movimento urbano, liderado por lideranças pequenos burguesas, intelectuais liberais, sem inspiração nacionalista ou patriótica: "A cabanagem foi movimento de massa liderado, em grande parte, por representantes típicos da pequena burguesia cidadina" (Salles, 1992, p. 129).

No Brasil, do Grão-Pará, duas eram as entidades de classes pequeno burguesas que estimularam a luta política ao redor da cabanagem. De um lado, a maçonaria, como sociedade de classe, alinhada ao Brasil Império. E o partido da força bruta, alinhada aos interesses dos cabanos, liderado pelo Cônego Batista Campos, que incorporou em

² O nome a cabanagem é uma alusão aos revoltos que moravam em cabanas.

sua organização ideais republicanos importados da revolução francesa, do século XVIII. "A maçonaria surgia assim, no Pará, como sociedade de classe, representando interesses dos capitalistas locais, estimulando a luta contra "a gente de pé-no-chão", proletários, pequenos proprietários, negros, escravos e caboclos, tidos e havidos como livres, habitantes das cabanas miseráveis, nas baixadas insalubres. Assumindo tal postura, também estimulou a luta de classes, fazendo oposição ao partido da "força bruta", "à facção exaltada e perturbadora", chefiada pelo cônego Batista Campos" (Salles, 1992, p. 112). O corpus político-ideológico da cabanagem, liberal e reformista, encontrava-se representado por Frei Luiz Zagalo, Felipe Alberto Patroni e João Batista Campos (Salles, 2001, p. 26).

A cabanagem, dessa forma, foi um movimento pequeno burguês e urbano, que, por depender das lideranças intelectuais oportunistas e reformistas, não abalou as estruturas coloniais. Apesar de nascer na cidade, liderada pelo Cônego Batista Campos, ela explodiu em espaços rurais onde encontrou aproximação com dos libertos, ou seja, dos indígenas (à época chamados de tapuios) os negros, e os caboclos tornando-se, dessa forma, também popular e anticolonial (Salles, 1992, p. 137).

Assim, para Vicente Salles, a cabanagem só se torna anticolonial quando ela encontra nos espaços rurais os cabanos, em sua maioria negros, libertos ou escravizados, que buscavam levar adiante o projeto de libertação do estado Maranhão e Grão-Pará.

A cabanagem e a luta anticolonial traída - o papel do negro e das elites intelectuais

Na América Latina, a frustração das campanhas de desenvolvimento, os fracassos da reforma agrária, a falta de foco na integração regional, os desvios morais da industrialização e a esterilidade ideológica da imigração rural-urbana, em outras palavras, as mudanças inacabadas que buscam uma ruptura com o colonialismo, estão de certa maneira relacionadas com a atuação das lideranças intelectuais, muitas comprometidas e formadas com os interesses eurocêntricos (Orlando, 2009, p. 412).

Os intelectuais, com efeito, na América Latina foram um dos responsáveis pelas mudanças inacabadas. A cabanagem carrega, consigo, esses traços dialéticos de uma revolução realizada pelos cabanos, homens e mulheres, pauperizados pelo

colonialismo, que buscavam destruir o sistema que lhes violentavam, e uma mudança breçada pelas lideranças intelectuais que não se opunham ao *status quo* colonial, porque dele se beneficiavam: “Nos países capitalistas, entre o explorado e o poder interpõe-se uma multidão de professores de moral, de conselheiros, de ‘desorientadores’ [...]. O intermediário do poder utiliza uma linguagem de pura violência. O intermediário não mitiga a opressão, nem encobre mais o domínio. Expõe e manifesta esses sinais com a boa consciência das forças da ordem. O intermediário leva a violência à casa e ao cérebro do colonizado” (Fanon, 1961, p. 33).

Com efeito, o intelectual, da mesma forma que em outras situações coloniais, assumiu na Cabanagem, como observado por Vicente Salles, o papel de desorientador do processo revolucionário, ao levar adiante os interesses das classes sociais dominantes, e não das classes dominadas:

O negro, não a elite intelectual pequeno burguesa, para Vicente Salles, foi o sujeito histórico da luta anticolonial no Grão-Pará. A introdução dos escravos negros na Amazônia se intensificou em 1733, com a criação da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, durante o período pombalino, para trabalharem nos canaviais e nas lavouras de arroz e algodão: “a lavoura de cana-de-açúcar prosperou nas cercanias de Belém e espalhou-se, com maior intensidade, pelas margens dos rios Guamá, Capim, Acará, Moju e Igarapé-Miri” (Salles, 2004, p. 34).

É contra esse sistema colonial que o negro adere a cabanagem. O padre Batista Campos, líder do movimento, embora tivesse apoio popular, especialmente no meio rural, e acenasse para aspectos liberais, não possuía radicalidade política suficiente ao ponto de mudar o *status quo*, sendo ele mesmo comprometido com os interesses das classes dominantes, além de proprietário de escravos. Não rompia, portanto, com o estatuto colonial do Brasil império. Contudo, sua morte foi um motivo catalizador que elevou os ânimos dos cabanos, com apoio maciço da população de Belém, que assaltaram capital e fizeram explodir a luta de classes na região. (Salles, 1971, p. 263-264).

O negro na cabanagem adotou formas superiores de organização política e de luta, inclusive armada, ao se identificar com o conceito de liberdade ou supressão do senhor, por parte do movimento Cabano: “Não apenas a pregação dos revolucionários

que agitaram a idéia da independência aliada à concessão da liberdade aos escravos, nem as pregações de Luís Zagalo, Felipe Alberto Patroni, Batista Campos e outros líderes, serviram para despertá-lo, mas é provável que o exemplo de Caiena também tenha nutrido este sentimento de rebeldia e contribuído para apressar o engajamento do negro nas lutas que agitaram o Pará nas primeiras décadas do século XIX" (Salles, 1971, p. 265).

Segundo Vicente Salles, o escravo, nesse período foi politizado tornando-se ativista. Essa população, no entanto, era dispersa, exigindo sua aglutinação por de líderes urbanos como o liberto "Patriota", o mulato Joaquim Antônio, o negro Manuel Barbeiro, o negro Antônio Pereira Guimarães, o aprendiz de sapateiro, crioulo, José Manoel Pereira Feio, e o preto Custódio Teixeira, o negro João do Espírito Santo, conhecido como "Diamante", e o escravo Francisco de Oliveira Sipião (Salles, 1971, p. 267).

No interior da província, no meio rural, ademais, surgiram diversos líderes, como o preto Félix, e sua dedicação à causa cabana na região do Acará, liderando cerca de 400 escravizados, além de Manoel Maria, que liderava cerca de 100 escravizados. Outro líder rural foi o preto Cristóvão, escravizado de engenho, da região bragantina. Na ilha do Marajó, especialmente nas regiões de Muaná, de lavouras de cana-de-açúcar, foram encontrados "cabanos aquilombados" comandados por um tal Cocô, conforme a denúncia do comandante militar da vila de Muaná. Além disso, no baixo Amazonas, surgiram outras lideranças negras, como preto Belisário, que comandou uma força de 300 rebeldes, em sua maioria negros (Salles, 1971, p. 268-269).

Negros, libertos e escravos, participaram da cabanagem compondo sua parte mais radical que buscava suprimir o *status quo* colonial. Contudo, foram traídos pelos seus líderes, especialmente Eduardo Angelim, um escravocrata, que passou a perseguir e a assassinar os negros, parte mais radical e revolucionária dos cabanos³ (Salles, 1971).

³ Nas palavras de Vicente Salles: "Estava traído um dos ideais da revolução. Em consequência os negros se voltaram contra o caudilho. Um deles, João do Espírito Santo, vulgo Diamante, organizou clandestinamente o grupo denominado guerrilheiros, uma facção independente, cujos objetivos não ficaram devidamente esclarecidos. Sabe-se, contudo, que Diamante foi denunciado por um delator [...]. Apesar de não terem alcançado a liberdade, no curto período em que os chefes cabanos ocuparam o poder, os negros lutaram sem esmorecimento, até o final, quando o movimento foi totalmente desbaratado [...]. A vitória alcançada a 7 de janeiro de 1835 mostrou que a Cabanagem não era um

Assim, a cabanagem, para Vicente Salles, foi uma revolução traída. Inacabada, porque seus líderes intelectuais embora tencionasse com as classes dominantes portuguesas, não queriam destruir o sistema de classes e colonial, mas apenas tornarem-se os novos senhores. Popular e revolucionária, porque os cabanos, especialmente os negros, buscaram destruir o colonialismo e o sistema de classes vigente, e não se beneficiar desse moinho satânico que os tritura.

A ligação da Cabanagem, portanto, nos levar a concordar que superar a modernidade também implica em superar seu caráter colonial atravessado pelo seu anseio emancipador dentro de uma racionalidade ocidental. Em outras palavras, trata-se de superar, por meio de uma Trans-modernidade, a tutela dos guardiões ocidentais que acham que podem falar e pensar em nome do outro, que teve sua alteridade negada (Dussel, 1993, p. 28-29).

Marxismo, Socialismo e os militantes excluídos

Como lembra a professora, Edna Maria de Ramos Castro, para se entender as lutas sociais contemporâneas, faz-se necessário revisitar a história das Américas, colocar em evidência o silêncio, quem silenciou e quem foram os silenciados pelos processos coloniais (Castro, 2019a, p. 54).

Vicente Salles, em todos os seus livros, fez exatamente isso. Reviveu os mortos e suas vozes silenciadas para que, por meio desse exercício descolonial do pensamento, se pudesse entender o processo histórico que nos forjou enquanto sociedade: “É preciso conhecer o passado de lutas dos povos que construíram a história do país das Amazonas.

movimento restaurador, nem federalista, nem muito menos abolicionista. Congregava tudo isso, exigia a reforma urgente das estruturas, mas prevaleceram outros interesses e outras ideias. Todas as reivindicações populares foram traídas e os sucessivos governos cabanos se desgastaram e se comprometeram definitivamente. O desgaste humano, político, social e econômico foi imenso. Sacrificaram-se mais de 30 mil vidas, ou seja, a quarta parte da população total da Amazônia. As grandes propriedades foram arrasadas. Mas os cabanos tiveram a percepção clara da influência externa: não se deixaram envolver nas malhas do separatismo; opuseram-se energeticamente à interferência estrangeira. E a Amazônia continuou ligada à indissolúvelmente ao Império. Em troca da unidade do país e o *statu quo* foi mantido. E o negro, na sociedade de classes, no regime escravista, cessada a guerra popular, teve de voltar aos métodos tradicionais para a busca da liberdade não consentida: a fuga e posterior agregamento nos mocambos que, a partir de então, se multiplicaram em quase toda a Amazônia” (Salles, 1971, p. 271).

História que se tenta esconder e escamotear. Por isso, muitos de nós, aqui, também a ignoramos” (Salles, 2001, p. 5).

Nessa parte do trabalho gostaríamos de reservar um pequeno espaço para os operários, assassinados e reprimidos no Grão-Pará, bem como ao marxismo, teoria detratada pela elite intelectual provinciana incapaz de levar adiante o processo revolucionário e anticolonial da cabanagem no Pará. Esses episódios estão muito bem documentados no livro de Vicente Salles, já citado, *Marxismo, Socialismo e os militantes excluídos*.

Segundo Vicente Salles, o clube popular, fundado em 1875, na cidade de Belém, foi a primeira tentativa de organização da classe trabalhadora, e guarda pistas quanto à aproximação e à influência do pensamento marxista sobre os trabalhadores no Grão-Pará (Salles, 1992, p. 175-176).

Para Vicente Salles, portanto, o clube popular poderia ter alguma relação com a I Internacional, fundada por Marx e Engels. Todavia, essas ideias chegaram, como ele mesmo admite, não por meio da classe trabalhadora, mas sim através dos detratores, por volta de 1870-71, que trabalhavam no Jornal do Pará repercutindo a I Internacional (Salles, 2001, p. 39-40).

Juntamente com ideais socialistas e reformistas, chegaram até ao Grão-Pará, distintas concepções do pensamento Francês, especialmente o cientificismo de Augusto Comte (1798-1857). Contudo, Marx, por seus ideais revolucionários e perigosos ao colonialismo, foi tratado com hostilidade pela imprensa paraense (Salles, 2001, p. 45).

Além disso, segundo as informações históricas coletadas por Vicente Salles, A II Internacional de 1889, embora considerada menos brilhante que a primeira, instituiu o dia do trabalho em 1º de maio e reivindicou a jornada de trabalho de 8 horas. Seus reflexos fizeram-se sentir nos jornais *Tribuna do Povo* (1889) e no *Jornal do Povo* (1890) (Salles, 2001, p. 50).

Vicente Salles sublinha, ademais, que a história desses periódicos, especialmente a *Tribuna Operária*, órgão do Partido Operário do Pará, filiado ao Partido Operário Socialista Brasileiro, que apresentava um programa de defesa da classe trabalhadora, em meados de 1891/1892, marca o primeiro episódio de violência policial no Brasil

contra a comemoração, pela classe trabalhadora, do 1º de Maio, que precede a repressão de 1894, em São Paulo (Salles, 2001, p. 50-51)⁴.

Com efeito, percebe-se, em meados do século XIX, o forte controle, por parte do Estado de seus aparelhos Ideológicos e Repressivos, sobre a classe trabalhadora na Amazônia. Em Vicente Salles, podemos visualizar dois momentos simbólicos desse controle social por parte das classes sociais dominantes, de ranço colonial, sobre os indígenas, os negros, os trabalhadores rurais e urbanos: primeiro, no contexto da cabanagem, uma forte repressão dos populares, aliada à alienação ideológica endossada pelos intelectuais, que impediu a radicalização do movimento; e, posteriormente, a continuação dessa desmobilização, por parte da imprensa paraense, ao detratarem o marxismo e esvaziarem ideologicamente e politicamente as células revolucionários emergentes.

⁴ Vicente Salles narra da seguinte forma o acontecimento, que reproduzimos na íntegra: “Aconteceu na noite de 29 para 30 de abril de 1892 o assalto e empastelamento do jornal pela polícia do governador Lauro Nina Sodré [...]. Levantou-se a suspeita de uma conspiração anti-republicana, espalhando-se o boato de que se preparava para o 1º de maio - data que o Partido Operário do Pará ia festejar, pela primeira vez, com um meeting - um movimento anárquico à semelhança dos que os socialistas europeus estavam promovendo nessa ocasião. Foram presos, com sediciosos, espancados e colocados incomunicáveis, os operários Raimundo Nonato dos Santos Amaral, mestre de funilaria; Manuel David Oliveira, Clemente Toscano de Vasconcelos e João Evangelista dos Reis, nas oficinas da Tribuna Operária e, como “suspeito de chefe dos anarquistas”, o bacharel Francisco Gonçalves Campos e seu irmão Eugênio, ambos filhos do jornalista João Victor Gonçalves Campos [1829-1924], sobrinho do chefe cabano João Batista Gonçalves Campos, elementos perigosos, portanto, que ‘tinham a Cabanagem no sangue’” (Salles, 2001, p. 51).

Foto 2 - Carlos Marx desenhado e litografado por Carlos Wiegandt. Medalhão estampado junto ao logotipo de *O trabalho*, Belém, a partir do 1º número. Col. Da Biblioteca Artur Viana, CENTUR, Belém do Pará



Fonte: Vicente Salles (2001, p. 78). Adaptado pelo autor.

Atestado histórico dos germes revolucionários inspirados em Marx, no Grão-Pará, registrado por Vicente Salles, é o artista alemão Hans-Karl Wiegandt [1841-1908], de tendências socialistas não só em suas obras litográficas (como na foto 2 e 3), mas também em sua maneira de viver; seu estabelecimento litográfico, por exemplo, era uma cooperativa, organização econômica inédita no Grão-Pará. Foi um propagandista das ideias de “Carlos Marx”, as espalhando em revistas, almanaque (Salles, 2001, p. 76).

Foto 3 - Carlos Marx desenhado e litografado por Carlos Wiegandt. Medalhão (ampliado) estampado junto ao logotipo de *O trabalho*, Belém, a partir do 1º número. Col. Da Biblioteca Artur Viana, CENTUR, Belém do Pará



Fonte: Vicente Salles (2001, p. 79). Adaptado pelo autor.

O artista foi um dos fundadores da Sociedade Beneficente Mecânica Paraense, em 1879, do Clube de Artistas Nacionais, no ano de 1889, e depois do Partido Operário do Pará, em 1891, bem como do Partido Operário do Pará, em 1891, e do Partido de Artistas e Operários do Pará, em 1898, além de editar a partir de 1901 o jornal *O trabalho*, que estampou, em seu cabeçalho, a efígie de Marx (ver foto 3): “[...] a efígie de Carlos Marx pela primeira vez estampada num jornal do Pará, compondo o logotipo de *O trabalho*, editado a partir de 1º.01. 1901, órgão duto de classes operárias, que também ostentou a célebre exortação: “Proletários de todos os Países, uni-vos” (Salles, 2001, p. 76).

Em suma, para Vicente Salles o marxismo, os operários, seus partidos e jornais, ou qualquer forma de manifestação intelectual e política, da mesma forma que a

Cabanagem, foram historicamente reprimidos pela burguesia colonial e seus representantes no Estado. Mas, mesmo assim, suas contribuições para a luta anticolonial seguem atuais e inscritas em oralidades, documentos, livros e acervos.

Considerações Finais

O pensamento de Vicente Salles é complexo. Atravessa dimensões antropológicas, estéticas, sociológicas, historiográficas e literárias. A discussão sobre o seu legado está aberta. Muito ainda falta ser pesquisado ao seu respeito. Seu acervo, na UFPA, é um objeto de estudo fértil para os que desejam descobrir seu pensamento, bem como seus mais de 25 livros publicados.

Acreditamos que uma parte de seu pensamento, vinculado a questão do negro, a cabanagem e ao marxismo, aponte para um Vicente Salles que olhava para questões descoloniais. Sem meio termo, Vicente é incisivo ao colocar a cabanagem como revolução traída. Traída porque não levou adiante os interesses dos cabanos, do povo pobre do Grão-Pará, mas sim da pequena burguesia urbana e seus intelectuais.

Por outro lado, Vicente Salles é um autor preocupado com a memória. Além dos negros, ele foi sensível a questão operária, suas formas de organização políticas e ideológicas. Em suma, os textos de Vicente Salles denunciam o caráter colonial do estado do Maranhão e Grão-Pará; de como ele, de modo reiterado, massacrou negros, indígenas e operários, mas ao mesmo tempo de como estes, por sua vez, resistiram a esse processo.

A Amazônia, à luz dos textos de Vicente Salles mobilizados nesse trabalho, é apresentada como laboratório fértil para a luta de classes e anticolonial no mundo capitalista. Os “militantes esquecidos”, para o autor, apresentaram-se no processo histórico como contestadores não só da propriedade privada sobre a terra e o trabalho, mas também contra as “estruturas de poder” - para usar a expressão de Darcy Ribeiro (1983) - coloniais, que mantêm a economia da região voltada para a exportação, do período do Grão-Pará até a atualidade.

Referências

- CASTRO, Edna. Epistemologias e caminhos da crítica sociológica latino-americana. Para além do desenvolvimento na perspectiva pós-colonial? *In*: CASTRO, Edna (Org.). **XXXII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología**. Asociación Latinoamericana de Sociología, 2019. <https://cdsa.aacademica.org/000-030/1419.pdf>. Acesso em: 08 maio. 2026.
- CASTRO, Edna. Razão decolonial, experiência social e fronteiras epistemológicas. *In*: **PENSAMENTO CRÍTICO LATINO-AMERICANO**. São Paulo: Editora Annablume/Editora CLACSO, 2019, p. 35-62. Disponível em: <https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/bitstream/CLACSO/8024/1/Decolonialidade-e-Sociologia.pdf>. Acesso em: 08 maio. 2026.
- DUSSEL, Enrique. **1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Lisboa: Ulisseia, 1961.
- MACHADO, André Roberto. As interpretações dos contemporâneos sobre as causas da Cabanagem e o papel do parlamento. **Revista de História** (São Paulo), n. 175, p. 281-317, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rh/a/9JDCgGnSZLS8whpfk9pcCrw/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 08 maio 2026.
- MAFRA, Alessandra. Construindo um acervo: história, intelectualidade e colecionismo em Vicente Salles. *In*: MENEZES, Lená Medeiros de; TRONCOSO, Hugo Cancino; MORA, Rogelio (Org.). **Intelectuais na América Latina: pensamento, contextos e instituições. Dos processos de Independência à Globalização**. Rio de Janeiro: LABIME/UERJ, v. 1, 2014. p. 62-77.
- MENEZES NETO, Geraldo Magella de et al. As contribuições de Vicente Salles (1931-2013) para os estudos da literatura de cordel na Amazônia. **Nova Revista Amazônica**, v. 1, n. 2, 2013. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/view/6281>. Acesso em: 08 maio 2026.
- MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 34, n. 1, p. 287-324, 2008. Disponível em: https://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf. Acesso em: 08 maio 2026.
- OLIVETO, Karla Aléssio. **Vicente Salles: trajetória pessoal e procedimentos de pesquisa em Música**. Dissertação (Mestrado de Música) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- ORLANDO, Fals-Borda. **Las revoluciones inconclusas en América Latina**. Bogotá: CLACSO, 2009.
- RICCI, Magda. Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. **Tempo**, v. 11, p. 5-30, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/ZX5z5skg9g7YyC47qtn533N/?lang=pt>. Acesso em: 08 maio 2026.
- RIBEIRO, Darcy. **O dilema da América Latina: estruturas de poder e forças insurgentes**. Petrópolis: Vozes, 1983.

- SALLES, Vicente. **Marxismo, socialismo e os militantes excluídos**. Belém: Paka-Tatu, 2001.
- SALLES, Vicente. **Memorial da Cabanagem: esboço do pensamento político-revolucionário no Grão-Pará**. Belém: CEJUP, 1992.
- SALLES, Vicente. **O negro na formação da sociedade paraense**. Belém: Paka-Tatu, 2004.
- SALLES, Vicente. **O negro no Pará, sob o regime da escravidão**. Rio de Janeiro: FGV, 1971.
- SOUZA, Roseane Silveira. Vicente Juarimbu Salles (1931-2013): o tempo vence o homem, não a obra. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. **Ciências Humanas**, v. 8, p. 185-194, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/X5xwV5b3NVqzMyjfGLL3Wpm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 08 maio 2026.
- SOUZA, Roseane Silveira. **Vicente Salles, historiador e folclorista pleno de música**. 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/40770725/Vicente_Salles_historiador_e_folclorista_pleno_de_m%C3%BAsica. Acesso em: 08. maio 2026.
- SPIVAK, Gayatri. Quem reivindica a alteridade? *In*: HOLLANDO, Heloisa Buarque (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

Recebido: 04 ago 2025
Aceito: 20 fev 2026